

## TEMPORALIDADE E MISTIÇAGEM CULTURAL: *ALMANAC OF THE DEAD*

Lúcia Helena de Azevedo Vilela  
UFMG

Em *Almanac of the Dead*, Leslie Marmon Silko rompe com um conceito tradicional do tempo na narrativa e parece ir em busca de um espaço intermediário, anterior ao estabelecimento de códigos ordenatórios, aquele local que Foucault define como “a pura experiência da ordem e seus modos de ser”.<sup>1</sup> Nesse espaço-tempo teórico, anterior à ordem ocidental das coisas, parece ter encontrado uma forma de penetrar no universo Maia e sua visão do tempo – explicitada em seu calendário ou almanaque. O que une Silko aos criadores do almanaque, além de sua etnia mestiça ligada a eles de forma ancestral, é também o intelecto e a capacidade de absorver e incorporar culturas, que caracterizam o povo Maia. Como observa Ronald Wright, as maiores conquistas dos Maia foram intelectuais e não políticas e, quando os impérios caíam, eles ficaram abalados, mas nunca destruídos. De acordo com Wright, “Os Maia sempre absorveram a cultura do conquistador e a refizeram do seu próprio modo”.<sup>2</sup>

Ao realizar uma narrativa em que os acontecimentos se expandem dentro de um período de 500 anos, Silko se alia ao tempo da profecia do almanaque Maia e desenvolve um conceito inovador do tempo, capaz de ultrapassar os limites do espaço, oferecendo aos povos indígenas, que nela possam se mirar, a possibilidade política de superar e transpor os limites anteriormente propostos das fronteiras culturais. Como lembra Caren Irr, Silko não está só em busca de um conceito mais abrangente de tempo. Irr destaca que Martin Heidegger, por exemplo, compara o tempo da forma como é medido pelos relógios e calendários à noção de tempo que

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, p. 382. Tradução minha desta citação e das que se seguem

<sup>2</sup> WRIGHT, p. 12.

experimentamos através de nossa consciência individual. Irr comenta, “Como Silko, Heidegger procura um conceito de tempo que fará da história uma categoria mais significativa”.<sup>3</sup>

Movendo-se um pouco ao longo da história, verifica-se que civilização Maia dedicou particular atenção ao tempo, tendo elaborado uma espécie de almanaque no qual os dias eram registrados com símbolos especiais, estabelecendo um calendário de considerável complexidade. A mais importante unidade de tempo era um *katun*, que compreendia 20 anos de 360 dias, podendo os eventos de um *katun* se aproximarem dos de um *katun* anterior. Como observa G. J. Whitrow, “na visão do mundo maia não havia nenhum sentido de progresso, mas apenas uma mistura de passado presente e futuro que tendiam todos a se tornar uma só coisa”.<sup>4</sup>

Situando sua narrativa em um espaço/tempo entre culturas – *liminar* ou de *mestiçagem* – Silko realiza uma mediação entre um saber das civilizações antigas, através da utilização de uma inflexão profética do almanaque Maia, e um saber contemporâneo, caracterizado pela resistência à opressão cultural e política, abrindo, assim, uma espécie de “túnel do tempo” entre um arcabouço teórico/político e a herança cultural indígena/mestiça.

Dessa forma, a autora parece autorizar a si própria, e de forma extensiva aos povos oprimidos por fronteiras originárias do colonialismo, a utilização de um espaço capaz criar a partir de sua própria força cultural.

Em *Almanac of the Dead* não existe uma personagem central, mas vários eixos de significação nos quais se identifica um sujeito multifacetado que se encontra em fronteiras culturais em movimento, através dos constantes deslocamentos de tempo e espaço. O romance pode ser visto, assim, a partir do conceito teórico que Homi Bhabha designa como *liminar*

---

<sup>3</sup> IRR, p. 233.

<sup>4</sup> WITHROW, p 113.

(liminal) em *The Location of Culture*. As personagens indígenas de Silko parecem viver no espaço que Bhabha define como localidade da cultura:

Esta localidade é mais *em torno* da temporalidade do que *sobre* a historicidade: uma forma de viver que é mais complexa do que “comunidade”, mais simbólica do que “sociedade”, mais conotativa do “país”, (...) mais mitológica que ideologia, menos homogênea que hegemonia, (...) mais híbrida na articulação das diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social.<sup>5</sup>

Penso que o universo ficcional de Silko se torna representativo das sociedades indígenas tocadas por intervenções multiculturais, na medida em que paira na incerteza das fronteiras da sociedade ocidental. Seria inconcebível que esse universo fosse representativo de um povo-nação se se limitasse em fixar nas noções de pureza e preservação cultural e celebrasse como possibilidade única a não-contaminação da herança cultural indígena pela sociedade majoritária. Como observa LaVonne Ruoff, para Silko, “a força das tradições tribais se baseia não em uma rígida aderência por parte dos índios a certas cerimônias e costumes, mas em sua habilidade de se adaptar às sempre mutantes circunstâncias através da incorporação de novos elementos”.<sup>6</sup>

A força da narrativa de Silko está, portanto, em seu caráter híbrido ou mestiço, tanto no sentido étnico como no cultural e literário. Nessa medida, o seu discurso político a aproxima da realidade não só dos povos indígenas norte-americanos, mas também das Américas Central e do Sul. Referindo-se aos processos políticos e sociais nesses dois últimos continentes Jesús Martín-Barbero afirma que estes “nos confrontaram com a verdade cultural destes países: a mestiçagem, que não é só aquele fato racial do qual viemos, mas a trama hoje de modernidade e descontinuidades culturais, deformações sociais e estruturas do sentimento, de memórias e

---

<sup>5</sup> BHABHA, p. 199.

<sup>6</sup> RUOFF, p. 69.

imaginário que misturam o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo”.<sup>7</sup>

Através da utilização da inflexão profética do almanaque Maia, Silko abrange diversas esferas de tempo, revelando, assim, a mestiçagem cultural que compreende o universo dos povos indígenas norte-americanos. O caráter profético do almanaque é que a habilita a fundamentar a luta desses povos pela posse da terra. Nessa perspectiva, a memória dos ancestrais traz consigo a possibilidade de recuperação da posse da terra com o objetivo de curá-la das dores trazidas pela violência e opressão dos processos de colonização. Através da metáfora estendida do deserto, Silko coloca sua narrativa no espaço liminar, da forma como definido por Bhabha, a que me referi anteriormente. Nesse espaço-nação encontra-se uma zona de incertezas em que o arcaico e o moderno se delineiam. Pode-se notar a semelhança entre o espaço liminar de Bhabha e o deserto de Silko: “No deserto a vida poderia evaporar-se durante uma noite. Os mortos não entravam em putrefação ou se dissolviam. Contraíam-se como couro rígido e impermeável em torno dos próprios ossos”.<sup>8</sup> Assim como nesse deserto, a substância dos mortos não se decompõe, aquele espaço cultural definido por Bhabha também é um ponto de contato entre a cultura ancestral e a moderna. De acordo com Bhabha esse espaço pode ser visto como, “um estado liminar, incerto, de crença cultural, em que o arcaico emerge em meio às margens da modernidade como resultado de alguma ambivalência psíquica ou incerteza intelectual”.<sup>9</sup>

O discurso de Silko parece realmente situar-se nas incertezas das fronteiras da sociedade. Torna-se, portanto, um local de escrita multicultural no qual se inscreve o espaço-nação dos povos indígenas. Na possibilidade de rompimento com uma abordagem binária que colocava os

---

<sup>7</sup> MARTÍN-BARBERO, p. 28.

<sup>8</sup> SILKO, p. 64.

<sup>9</sup> BHABHA, p. 204.

povos indígenas em uma oposição maniqueísta com a sociedade majoritária, Silko parece construir um espaço descentrado no qual forças diversas atuam na significação.

Na simples menção de dados biográficos de Silko a multiplicidade étnica está presente. Sendo a autora em parte indígena, Laguna Pueblo, em parte mexicana e em parte branca, escreve de uma perspectiva que não é nem da cultura branca dominante e nem da sociedade indígena à qual pertence. Esse aspecto de sua biografia é um dado importante para a possível comprovação do caráter híbrido de sua narrativa. Em *Almanac of the Dead* podem-se encontrar elementos das culturas de origem da autora em uma rede de multiplicidade: o universo ficcional da obra revela uma fragmentação das personagens tendo como pano de fundo uma atmosfera de decadência, aliada a uma espécie de idolatria à tecnologia, trazendo à tona temas médicos como o da comercialização de plasma e de órgãos humanos. Nesse contexto, Silko mostra, ainda, o plano de um exército de sem-casa que pretende derrubar o governo. No amálgama de todo esse mundo fragmentado, na região desértica de Tucson, Arizona, a autora utiliza a fórmula mítica dos almanaques Maia que traz o conhecimento da história, da tecnologia e da religião inseridos na narrativa.

*Almanac of the Dead* apresenta, ainda, teorias políticas disseminadas na narrativa. A combinação inusitada realizada por Silko de diferentes tempos e espaços geográficos, passa dos Estados Unidos ao México, da África às Américas e chega ao chamado "The Fifth World." A combinação de tempos e espaços geográficos e a variedade de personagens descritas por Silko refletem o caráter provisório do sujeito pós-moderno, confrontado, no dizer de Stuart Hall, por "uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis."<sup>10</sup> Como esclarece Hall, o próprio processo de identificação do sujeito tornou-se provisório e variável: "Esse

---

<sup>10</sup> HALL, p. 14.

processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente."<sup>11</sup>

O deserto é um elemento comum da paisagem, possivelmente capaz de reter fragmentos de tempo e de espaço diversificados. No universo ficcional de Silko as personagens interagem e são afetadas pelos constantes deslocamentos espaciais e temporais revelando a própria concepção política do romance fundida com a representação. Esse aspecto das relações entre as identidades e a representação é assim analisado por Stuart Hall: "a moldagem e remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas."<sup>12</sup>

É essa visão de uma personagem indígena como agente de produção de significações que Silko veicula através da personagem Angelita em *Almanac of the Dead*. A narrativa de Silko realiza uma mediação entre a visão indígena do mundo e a visão do próprio Marx através de Angelita La Escapía, a líder indígena que se enfeitiça pela fotografia do autor de *Das Kapital*:

Todos sabiam de histórias sobre vítimas enfeitiçadas por fotografias de estranhos mortos há tempos, há muito afastados do mundo exceto por um rastro da luz do espírito que permanecera na fotografia. (...) "Agora quero lhes dizer alguma coisa sobre mim mesma porque andaram circulando tantos boatos (...) São boatos sobre mim mesma e o fantasma de Karl Marx! Marx, homem tribal e contador de histórias; Marx com sua devoção primitiva pelas histórias dos trabalhadores (...) O pobre Marx não entendeu com o poder das histórias pertencia ao espírito dos mortos." (518-521)<sup>13</sup>

Ao falar para uma platéia indígena sobre a forma como Marx baseou suas teorias na organização das culturas indígenas e em relatos próprios da tradição oral também indígena, a protagonista de Silko realiza uma mediação entre o papel da oralidade nas culturas ancestrais e sua assimilação por um filósofo europeu. A forma de organização do saber, com características proféticas do almanaque Maia, se justapõe à materialidade do planejamento de uma rebelião pela

---

<sup>11</sup> HALL, p. 13.

<sup>12</sup> HALL, p. 5.

<sup>13</sup> SILKO, p. 518-521.

posse da terra. A reivindicação política se reveste do conhecimento sobre o marxismo ao mesmo tempo que o supera, na visão de Angelita, que lamenta o fato de Marx ter desconhecido que o poder das histórias pertencia ao espírito dos mortos.

Através de uma narrativa multifacetada, as personagens do universo ficcional de Silko ganham recursos suficientes para se movimentarem no tempo e no espaço, fazendo com que seja possível vislumbrar esse espaço mediador no qual se mesclam o arcaico, a modernidade e a pósmodernidade. Trata-se de um espaço caracterizado por uma resistência à opressão cultural e política, abrindo, assim, uma passagem entre um arcabouço teórico/político e a herança cultural indígena/mestiça.

### **Referências Bibliográficas:**

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves (trads.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Foucault, Michel. The Order of Things. In: RIVKIN, Julie & RYAN, Michael. *Literary Theory: An Anthology*. Oxford: Blackwell, 2.000. p 377-384

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro (trads.). Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

IRR, Caren. The Timeliness of Almanac of the Dead, or a Postmodern Rewriting of Radical Fiction. In: BARNETT, Louise & Thorson, James L (eds.) *Leslie Marmon Silko: A Collection of Critical Essays*. Albuquerque: Univ. of New Mexico Press, 1999. p. 223-244.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Polito, Ronald e Alcides, Sérgio (trads.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

RUOFF, A. LaVonne Brown. *American Indian Literature: An Introduction, Bibliographic Review, and Selected Bibliography*. New York: The Modern Language Association of America, 1990.

SILKO, Leslie Marmon. *Almanac of the Dead: a Novel*. New York: Penguin, 1992.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*.  
Maria Luiza X. de A. Borges (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WRIGHT, Ronald. *Time Among the Maya: Travels in Belize, Guatemala and Mexico*. London:  
Abacus, 1998.